

**Reminiscências do Barroco Setecentista no distrito de Pessoa Anta, Município de Granja-CE:
Igreja de Santo Antônio de Ibuauçu (1730-2010).**

Prof. Alexandre Alves da Silva - SEDUC

aleksaaronmega@yahoo.com.br

Profa. Ms. Francisca Geane de Albuquerque – UVA

francisca.albuquerque@uvanet.br

Resumo

Não há quase estudos historiográficos sobre a localidade de Ibuauçu ou sobre o distrito de Pessoa Anta em Granja, em especial no que tange ao estilo Barroco no Ceará.

Por tudo isso e muito mais que, a temática do Barroco em seu ambiente sertanejo ao modo da rusticidade e dos provimentos locais deve ser mais estudada, pois, em tudo se encaixa com a História Social.

Palavras-chave: Ibuauçu, Barroco no Ceará e a Igreja de Santo Antônio de Ibuauçu.

Abstract

It almost does not have historiographies studies on the locality of Ibuauçu or the district of Pessoa Anta in Granja City, in special in what it refers to the Baroque style in the Ceará States. For everything this and much more that, the thematic one of Baroque in its environment hinterland to the rustic way and local provisions must more are studied, therefore, in everything it is incased with Social History.

Word-keys: Ibuauçu, Baroque in the Ceará and the Church of Saint Anthony Ibuauçu.

Os homens vivem vida dúplice, com um pé na terra e outro no céu, aliando, na sua consciência, o mais grosseiro materialismo das preocupações terrenas com a mais alada fé no além.

Gil Vicente (Poeta do Barroco Português).

INTRODUÇÃO

Pertencente ao distrito de Pessoa Anta, a localidade de Ibuauçu (que em Tupi significa grande fonte d'água ou lugar com muitas quedas d'água, sendo sinônimo de Iguaçu)¹ dista, em linha reta, trinta e oito quilômetros² da sede do município de Granja-CE.

Via rodoviária são cinquenta e dois quilômetros, sendo que trinta e quatro quilômetros são asfaltados partindo de Granja até Santa Teresinha (localidade pertencente ao referido distrito) e, de lá mais dezoito quilômetros em uma estrada carroçal que serve de acesso de Santa Teresinha até finalmente se chegar a Ibuauçu.

¹ Fonte: GIRÃO. Raimundo. Os municípios cearenses e seus distritos. Pág. 290. SUDEC/DRN. Fortaleza, 1983.

² Fonte: Google Earth.

Não é o nosso objetivo aqui dá um conceito sobre o Barroco, pois, muitos autores já se encarregaram de tal tarefa, como por exemplo, Will Durant, Maravall, Gilberto Freyre, Georgia Quintas, etc... Da mesma forma, não é mister destacar todas as nuances do Barroco em todas as suas dimensões e áreas onde se desenvolveu e nem destacá-lo enquanto manobra dos tempos do Absolutismo e do desenvolvimento do Capitalismo pelos protestantes, da Reforma e da Contra-Reforma(Concílio de Trento, 1563, normatizador do estilo Barroco).

No entanto, faz-se necessário um novo olhar, um repensar, além de um resgate histórico para se saber como em um ambiente completamente diferente dos padrões de além-mar, da suntuosidade barroca ibérica e da sua respectiva repetição no Brasil aos moldes de cada parte da colônia em questão se deram as influências de tal estilo artístico que na verdade parece transparecer um que de ideologia cristã; não é à toa a presença marcante de ordens católicas no período setecentista para que isto ocorresse.

Mas, mesmo comparado ao estilo Barroco no Brasil, o ocorrido em Ibuauçu é bem peculiar pela sua rusticidade de materiais e ambientação, igualmente, não existe uma ostentação em metais preciosos, retábulos e entalhes ou pinturas elaboradas no teto conforme a ornamentação barroca, imagens de santos policromadas, segundo os atuais habitantes do lugar existiam, mas, foram encaminhadas para a diocese do município cearense de Tianguá, porém, o estilo Casa Forte de construção é um de seus principais traços.

As pedras de cantaria, aqui, são pedras brutaemente quebradas e sem ornamentação, material do mais rústico e forte para suportar qualquer ataque inimigo, as pedras formaram grossas paredes que daria segurança aos clérigos e aos fiéis convertidos; telhas feitas na coxa também são comuns no teto e as madeiras usadas na construção da própria flora do lugar.

Toda a história em torno dos aldeamentos e da catequização dos indígenas realizada pelos jesuítas iremos encontrar em Ibuauçu, neste sentido, o fator ideológico do Barroco foi mantido como em qualquer outra parte do Nordeste do Brasil onde ele se manifestou, enquanto apoio ao sistema de exploração colonial português pelos vieses da fé e da ideologia cristã.

Em Ibuauçu, o Barroco talvez não tenha ditado o Status Quo de alguém, a própria arquitetura indica que se tratava mais de um ponto estratégico militar de dominação portuguesa do território aliado ao envolvimento com a Igreja.

E em lá chegando se apresenta um enorme potencial de patrimônio material, cultural imaterial e ambiental, além do turístico que pela maioria dos cearenses ainda é desconhecido; cercado por encantos naturais como áreas verdes, quedas d'águas, riachos, carnaubais, cercado por serras e pela chapada da Imbaúba, uma das partes que se alongou da chapada da Ibiapaba temos um rincão natural, antes área tida como sertão *in natura* e passamos a entender o contexto do Brasil

colonial dando lugar às plantações e ao gado, no centro de tudo, o homem dito civilizado e a empresa capitalista (com resquícios medievais) colonizadora dos sertões nordestinos.

Em meio a esse cenário descrito está um edifício que merece atenção especial não somente por sua grandeza arquitetônica, mas também, pelo seu valor histórico, artístico e cultural, trata-se de uma igreja com estilo casa forte de construção típica do período dos aldeamentos da segunda tentativa de catequese realizada pelos jesuítas na Ibiapaba e do sistema de sesmarias (discutiremos esses fatores mais adiante) que tanto marcaram as fases iniciais da colonização do território brasileiro, em especial o cearense, é a igreja de Santo Antônio de Ibuaçu (Longitude Oeste 41° 7'20 05'' e Latitude Sul 3° 19'25 11'')³ a qual este artigo se norteia.

OBJETIVOS

Gerais:

Analisar, refletir e questionar os diversos fatores que levaram os colonizadores do sertão semi-árido ao Barroco num ambiente distante da opulência do açúcar do litoral nordestino e do ouro das Minas Gerais; explicar como o indígena se tornou católico e súdito da coroa e quais as razões de sua entrada ao mundo, conscientizar a população em geral do papel da preservação e divulgação de tal patrimônio artístico e cultural que pertence a todos nós.

Específicos:

Indagar, interagir e debater o discurso dos sujeitos históricos e suas contradições, o estilo Barroco, bem como, a influência político-econômica e suas decorrências no artístico, no social, no cultural e no ambiente sertanejo são alguns dos propósitos a que o artigo se remete.

METODOLOGIA

- Pesquisas *in loco*, em arquivos, bibliotecas, livros, jornais, revistas; Análises de imagens, textos de épocas, cartas;
- Levantamento bibliográfico e reflexão sobre o mesmo;
- Histórico do desenvolvimento da identidade, como também, a simbiose das raças formando o coletivo “cearenses”;
- Entendimento sobre o patrimônio e sua preservação na visão popular;
- Pesquisa de campo sobre as representações dos fatos históricos nos lugares de memórias e suas multiplicidades;

³ Idem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em Ibuauçu está um patrimônio quase desconhecido que merece atenção especial não somente por sua grandeza arquitetônica, mas também, pelo seu valor histórico, artístico e cultural, trata-se da Igreja de Santo Antônio de Ibuauçu e suas portas almofadadas.



Foto: Alexandre Alves da Silva, frontispício da Igreja de Santo Antônio de Ibuauçu.

Em estilo casa forte de construção típica do período dos aldeamentos da segunda tentativa de catequese realizada pelos jesuítas na Ibiapaba e do sistema de sesmarias⁴ no Nordeste do Brasil no início do Século XVIII, ela segue um caminho paralelo entre o fato histórico e o ambiente natural, porém, altamente contraditória quando conjugados seus fatores e o lado econômico que girou em torno do período colonial:

A arte religiosa foi o mercado do trabalho de artista daquela época e floresceu justamente nos locais onde a economia exportadora e mercantilista logrou prosperar: o Nordeste [sic] da cana e, a partir do século XVIII, também o Sudeste [sic] do ouro.⁵

⁴ Pinheiro. Francisco José. Mundos em Confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território. PP. 17-55. In Uma Nova História do Ceará. Souza(Org.). Simone de. 4ª edição atualizada. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2007.

⁵ Lopez. Luiz Roberto. História do Brasil Colonial. Pág. 61. 3ª edição. Série Revisão. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1984.

O lado econômico parece ter sempre um forte peso de influência sobre os artistas tanto pela questão dos mecenas quanto pelo fator ideológico que se pretende criar com a arte, no entanto, ao observarmos a posição geográfica de Ibuacu podemos ter a certeza de que a igreja em questão ali estava muito distante de Olinda, de Salvador e da região das Minas Gerais e, mais ainda, do Rio de Janeiro, então, como pode ser que uma igreja tipicamente setecentista em sua arquitetura e estilo possa ser construída em meio a um ambiente considerado selvagem para a época em que foi erigida?

Tudo para se chegar ao sertão naquela época era mais difícil devido à falta de estrutura, bem como, de vias de acesso seguras, porém, desta forma fica claro que a opulência de naves reluzentes em ouro, santos do pau oco, altares monumentais, pinturas no teto não se fazem presentes, entretanto, o púlpito (foto à esquerda) e o coro (vista do coro, foto à direita) estão lá, igualmente a simetria e a repetição característica do estilo Barroco se fazem bem presentes, conforme vemos abaixo:



Dado ao contexto econômico do sertão cearense durante o século XVIII se pode ter em mente que a força econômica motriz que engendrava o Barroco era a do ciclo do gado e, os arquitetos que projetaram a igreja que pode ter tido um formato diferente do atual (precisaremos de uma pesquisa arqueológica *in loco* para se chegar à certeza de tal conclusão) foram os jesuítas tendo em vista que eles também projetavam fortes, casas, e outras construções.

Contudo, deve-se levar em consideração que os braços que trabalharam arduamente nessa empreitada devem ter sido o dos indígenas catequizados:

Da atuação missionária de jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, junto aos indígenas litorâneos, poucos vestígios ficaram. Restaram apenas alguns minúsculos agrupamentos indígenas que sobrevivem até hoje, sobretudo no Nordeste. Uma multidão que desapareceu por doença, fome, morte violenta, fuga para o interior. Sobre o sangue e a morte

dos indígenas brasileiros começou a florescer a cultura colonial da cana-de-açúcar, baseada no trabalho negro, já desde o final do século XVI.⁶

Sob o calor do sol a pino, essa cobiça por parte dos mais ricos engendrou a base de uma relação entre o catolicismo e o sistema de exploração colonial, bem como, o da escravidão dos indígenas e, posteriormente, dos negros também. Mas, uma das marcas mais fortes foi sem sombra de dúvidas o da miscigenação que, na historiografia oficial, muitas vezes teve o número exato de indígenas e de africanos omitido.

Um dos casos mais célebres de um aldeamento “livre”, afastado dos centros coloniais, é o de Nossa Senhora da Assunção na Serra da Ibiapaba (Ceará, hoje município de Viçosa, fundado por Luís Figueira e companheiros, que chegou a ser o maior aldeamento do Brasil, contando em 1700 com quatro mil habitantes e em 1757, dois anos antes da expulsão dos jesuítas, com mais de dez mil pessoas [...])⁷

Sertanejo, gente de fé num sertão incipiente em miscigenação, ao menos, nas camadas mais pobres. Brasileiros que uniam a fé na cruz dos brancos e no corpo fechado por mandingas de negros ou pajelanças indígenas.



Foto: Alexandre Alves da Silva, vista do Coro, de um arco, e da nave da Igreja, alunos do curso de História da FACETE (Faculdade de Educação Teológica), Turma II – Granja, alguns deles são habitantes de Ibuçu.

Trazer à tona, fatores mergulhados e afogados pelos esquecimentos da historiografia é uma tarefa aqui empenhada que tenta resgatar uma história vista pelo prisma dos esquecidos e derrotados.

Ibuçu tem características bem diferentes de algumas partes do Ceará: é sertão mas é relativamente próximo tanto de Granja quanto de Camocim, cidade portuária de mar; é relativamente próximo à chapada da Ibiapaba, e também, à depressão sertaneja que em longo curso terrestre segue o itinerário das influências de locais como Sobral e Acaraú, portanto, mesmo sendo

⁶ Hoornaert, Eduardo. A Igreja no Brasil-colônia. Pág. 34. Coleção Tudo é História. 3ª edição. Vol. 45. Editora Brasiliense. São Paulo, 1994.

⁷ Ibidem. Pág. 18.

até hoje de difícil acesso, produtos vindos de locais como Pernambuco por exemplo, poderiam certamente chegar, é o que se repara no sino da igreja feito de bronze que tem inscrições de Itamaracá constando em algarismo romano a data do século XIX já no período Imperial, fato este que nos dá a idéia de que poderia chegar outros produtos de Pernambuco via porto de Camocim e daí para Granja por terra até se chegar ao destino final, Ibuçu.

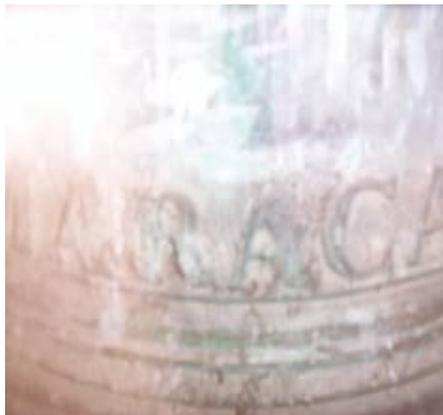


Foto: Alexandre Alves da Silva, o sino.

O Barroco da Igreja de Santo Antônio do Ibuçu é elaborado de uma maneira *sui generis*, de modo rústico e com os materiais encontrados naquele lugar. Como já foi dito, não ostenta a riqueza do ouro, não há indícios de participação negra através de alguns elementos deixados à revelia como alguns enfeites nas ornamentações de igrejas em outras capitanias, bem como, não ficou registrado o nome de nenhum grande artista setecentista que tenha trabalhado nas obras.



Foto: Alexandre Alves da Silva, pedras da parede.

Na imagem acima, podemos notar a parede sem o reboco, toda preparada com pedras talhadas e sem formato uniforme, da mesma forma a largura das paredes que são famosas nas construções setecentistas é demonstrada logo abaixo, isso porque tanto para suportar possíveis ataques de tribos indígenas quanto de tropas de outros países, como por exemplo, os franceses que estiveram no Maranhão se faziam necessárias construções fortes, casas fortes como ficaram conhecidas em todo país.



Foto: Alexandre Alves da Silva, câmara. A propósito, a data apresentada na fotografia não condiz com a data real da mesma, sendo ela e outras fotografias realizadas na verdade, no dia 02/05/2010, foi uma falha técnica despercebida no momento do *click*.

Também há presença de madeiras de lei (madeiras de boa qualidade empregadas na construção civil) e, de telhas feitas nas coxas, e as pedras também utilizadas nas grossas paredes:



Foto: Alexandre Alves da Siva, o teto da igreja.

Atualmente, muitas modificações são sentidas, como por exemplo, luzes fluorescentes, ventiladores elétricos, e as casas ao redor da igreja, mas, o que tem sido sentido muito é a alteração que o altar mor sofreu ao longo dos séculos até mesmo pelas modificações que os concílios católicos promoveram, como por exemplo, o concílio Vaticano I, onde o padre passa a ministrar a missa de frente aos fiéis.

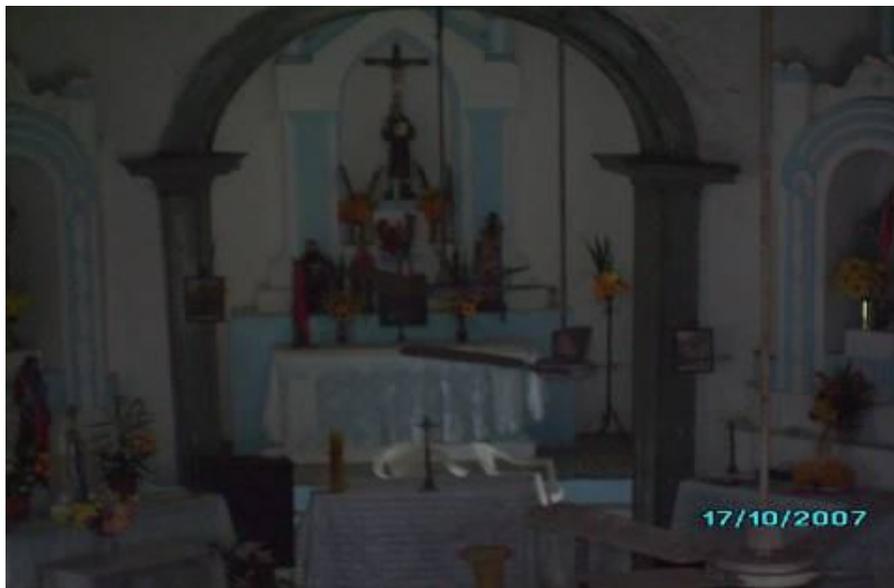


Foto: Alexandre Alves da Silva, Altar Mor.

Alguns curiosos que chegaram ao local diziam que os santos originais daquela igreja foram para Viçosa do Ceará, falam ainda da beleza que possuíam e dos olhos que pareciam de verdade, talvez fosse o uso da madeira policromada e a presença de olhos de vidros constantes nas imagens de santos muito comum entre as imagens do Brasil Colonial.

Longe da realidade da metrópole, os jesuítas empreendem a catequização, a falta de mulheres nascidas em Portugal no solo do Ceará era uma lástima aos jesuítas, pois, o relacionamento de homens ditos civilizados com mulheres africanas ou indígenas não era bem vista pela Igreja, a sociedade vivia dias contraditórios.

Em virtude das enormes distâncias entre os discursos e as práticas sobre o uso do corpo, e estando articuladas com a sexualidade não domesticada e com a luta das autoridades civis e eclesiásticas para transformar o “tálamo conjugal” na única forma de sexo lícito, as prostitutas do Brasil colonial foram ideologicamente úteis para a construção e valorização do seu oposto: a mulher pura, identificada com a Virgem Maria e distante da sexualidade transgressora. Pacificadora da violência sexual contra as donzelas casadouras e do desejo que pusesse em risco a fidelidade às esposas, as prostitutas, aos olhos da Igreja, eram contraditoriamente a salvaguarda do casamento.⁸

Granja é considerada por muitos como o portal de entrada entre o mar e o sertão. Em meio ao ambiente nativo no Ceará do século XVIII, em especial, no que tange ao Ibuçu, talvez se possa dizer que embora não ocorresse o exagero da ostentação e da etiqueta barroca, o que se via era a permanência da essência deste estilo enquanto ideologia adentrando do litoral semi-árido cearense

⁸ Del Priori. Mary. Mulheres no Brasil Colonial. PP – 32-34. Coleção Repensando a História. Editora Contexto. São Paulo, 2000.

ao “sertão de dentro” (expressão colonial) até onde se pudesse alcançar. O fato é que o Barroco representou, em certa medida, a continuação do novo *modos vivendi* europeu na terra seca dos lagartos e carcarás em sua transição com a faixa litorânea verdejante, com jangadas em sua paisagem de fundo.

O primeiro sesmeiro das terras de Ibuacu foi o paulista, padre Ascenço Gago, em 1706. Entende-se por sesmaria a doação real de terras a um lote com as medidas de três léguas de frente e uma de fundo.

Estima-se que a igreja de Ibuacu tenha iniciada sua construção por volta de 1730, entre os papados de Bento XIII e Clemente XII, e sob o reinado de D. João V, de Portugal; no Brasil o governante era o Governador Geral André de Melo e Castro (Conde de Galveias – Vice Rei do Brasil) e, por sua vez, o governante do Ceará era o capitão-mor subordinado a Pernambuco, Leonel de Abreu e Lima, já o bispo responsável pela Igreja no Nordeste setecentista era o Bispo de Olinda Dom Frei José Fialho⁹.

Guilherme Gouveia Filho estudou com afinco a história e o desenvolvimento do distrito de Pessoa Anta, onde se localiza a localidade de Ibuacu, ele lembrando o historiador Haroldo Ximenes nos lembra que: “À guisa de ilustração, ele igualmente registra o batizado de vinte índios Anacés, realizado na Capela do Ibuacu, em 15 de maio de 1740”¹⁰.

Mas, a notícia mais antiga sobre a igreja do Ibuacu é a do casamento entre o sargento-mor João Siqueira Campos com Maria Rodrigues da Câmara, filha do português e fazendeiro Pedro da Rocha Franco, tido como o grande patriarca granjense e o homem mais rico de toda a história de Granja até hoje, sendo o mesmo, o responsável diretor pela construção da Igreja de Santo Antônio de Ibuacu, em cujo povoado do Ibuacu foi a primeira sede do distrito de Pessoa Anta¹¹.

Embora os estudos sobre o Barroco brasileiro estejam apenas engatinhando e o nosso Barroco seja, na verdade, considerado um proto-Barroco, isto é, um Barroco incipiente, no Brasil, em especial, na faixa litorânea ou relativamente próximo a ela, na extensão entre o rio S. Francisco e as capitanias anexas a Pernambuco (dentre elas o Ceará) as igrejas barrocas setecentistas possuem as seguintes características arquitetônicas, apontadas por vários autores¹²:

- Uma ou duas torres com sinos em bronze;

⁹ Algumas dessas informações podem ser obtidas através de sites na Internet, especialmente, o Wikipedia.

¹⁰ Ximenes, Haroldo. Origem e Evolução Histórica de Granja. Pp 17-18. 1ª Edição. Editora IGRANOL. Fortaleza, 1996. Apud Gouveia (Filho). Guilherme. Distrito de Pessoa Anta: Pequeno Dicionário Histórico, Geográfico e Sócio-econômico do Distrito de Pessoa Anta do Município de Granja. Pág. 15. Edição Particular do Autor. Lux Print. Fortaleza, 2007. Observação: o termo “capela” pode indicar que a igreja teve suas dimensões alteradas com o passar dos anos.

¹¹ Sobre este assunto ver: Gouveia (Filho). Guilherme. Op. Cit. Pág. 18.

¹² Maravall, José Luiz Mota Menezes, Gilberto Freyre, entre muitos outros.

- Portas almofadadas (ressaltos em madeira nas portas que parecem almofadas);
- Pias batismais bem trabalhadas em pedra calcária;
- Eira, beira e tribeira ou trieira;
- Frontispício suntuoso e com alguma imagem de santo na parte mais alta sob um arco com uma concha e abaixo dela a imagem do santo invocado na igreja;
- Crucifixo na frente da igreja
- Púlpitos (espécie de palanque em patamar um pouco mais alto que os fiéis para que o sacerdote possa falar e ser ouvidos por todos);
- Altares adjacentes ao altar mor e azulejos decorativos em pátios e partes das igrejas;
- Simetria repetitiva de janelas, portas, colunas, quadros da via-crúcis e outros;
- Santos em pedestais com expressões emotivas à maneira do Barroco europeu, com rica panificação e olhos de vidro;
- Imagens de roca e nave com detalhes em ouro ou gesso, rica carpintaria decorativa;
- Na sacristia se encontra rico mobiliário, objetos ritualísticos de fina prata e ouro, além de pias;
- Óculos – passagem circular para a entrada de luz no recinto e tetos com pinturas da temática sacro-barroca;
- Algumas dessas igrejas ainda possuem as seteiras, uma espécie de passagem que possibilita se defender de possíveis ameaças indígenas ou de inimigos europeus, onde a defesa se fazia por meio de disparo de flechas ou de armas de fogo sem que o defensor, de dentro da igreja, pudesse ser ferido pelos inimigos que atacavam pela parte externa;
- Algumas dessas igrejas forma construídas sobre as aldeias, daí o fato de os aldeamentos tê-las como núcleo central; e os casarios que até hoje as circundam nos pátios externos de frente as mesmas também nos indicam que elas foram os núcleos de povoamento dos homens tidos como civilizados. Assim, faz-se necessário, cada vez mais, o aumento do número de escavações arqueológicas e outros tipos de pesquisas para se saber mais sobre o Barroco Brasileiro.

Mas qual era a realidade do Barroco em Ibuáçu?

Longe das influências político-econômicas vindas de além-mar, o Barroco em Ibuáçu não recebeu em seu terreno as mesmas pessoas que moldaram o Barroco pernambucano, não havia holandeses; por certo, ainda eram poucos os negros na época setecentista em Ibuáçu.

Parece que a imitação dos moldes lisboetas entre os civilizados, ditado pelos jesuítas, foi o parâmetro comportamental seguido no Barroco católico e súdito da coroa portuguesa nas cercanias do referido lugar, tido por alguns de seus habitantes na atualidade, como sendo, a gênese do município de Granja.

Bem, como já dissemos antes, o Barroco em Ibuagu não teve tanta pompa quanto em outras partes, teve sim, um modo rústico e antiquado que mesmo neste ambiente que, aplicado ao período setecentista talvez possa ser classificado como uma região selvagem, onde os primeiros habitantes deixaram as marcas de suas existências em pinturas rupestres:



Foto: Alexandre Alves da Silva

Ao redor da comunidade há a presença das pinturas rupestres em ocre, provavelmente, realizada pelos indígenas tabajaras que habitavam a região nos tempos da segunda tentativa de catequização jesuítica na Ibiapaba.

Pedra, madeiras e homens para a construção foram garantidos na própria ambientação natural. Tendo as ferramentas para fazer a construção certamente não faltariam os materiais mais rústicos:



Foto: Alexandre Alves da Silva, vista parcial da área verde do Ibuçu e ao fundo a “serra da Imbaúba”, um dos prolongamentos da Chapada da Ibiapaba.

É justamente esse cenário ainda pouco conhecido nos dias atuais que, através da capacidade de hermenêutica, dá-nos toda uma atmosfera de como tenha sido realizado a empreitada de ocupação do território cearense, bem como, o domínio e a catequização dos povos indígenas.

Não há quase estudos historiográficos sobre a localidade de Ibuçu, e sobre o distrito de Pessoa Anta em Granja, e é justamente essa dificuldade que faz desse artigo um dos pioneiros trabalhos dedicados ao entendimento de uma das páginas ainda pouco estudada na historiografia cearense, o Barroco no Ceará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando a Ibuçu, a nossa frente se apresenta um enorme potencial patrimonial desconhecido da maioria dos cearenses; cercado por encantos naturais temos um rincão natural no contexto do Brasil colonial e lá está um edifício que merece atenção especial pelo seu valor histórico, artístico e cultural é a igreja de Santo Antônio de Ibuçu

Analisar os fatores que levaram os colonizadores do sertão semi-árido ao Barroco num ambiente distante da opulência do açúcar do litoral nordestino e do ouro das Minas Gerais e explicar como o indígena se tornou católico e súdito da coroa não é tarefa das mais simples, da mesma maneira, conscientizar a população sobre o papel da preservação e divulgação de tal patrimônio artístico e cultural que pertence a todos nós além é claro de cobrar das autoridades competentes as medidas cabíveis para que isso aconteça não é fácil.

Aos artistas fica o desafio de se entender a arquitetura e o estilo de uma igreja que foi construída em meio a um ambiente considerado selvagem para a época em que foi erigida. Aos professores e historiadores a missão de ensinar como é que tudo para se chegar ao sertão naquela época era mais difícil.

O sertão cearense durante o século XVIII, o gado como sendo a força econômica motriz que engendrava o Barroco, os arquitetos jesuítas e os braços que trabalharam arduamente nessa empreitada sob o calor do sol a pino, engendraram as bases de uma relação entre o catolicismo e o sistema de exploração colonial.

Ibuaçu próximo tanto de Granja quanto de Camocim, cidade portuária de mar; à chapada da Ibiapaba, e também, à depressão sertaneja que em longo curso terrestre segue o itinerário das influências de locais como Sobral e Acaraú. Litoral semi-árido ou semi-árido propriamente dito próximo ao litoral? O fato é que o Barroco da Igreja de Santo Antônio do Ibuaçu foi elaborado de uma maneira ímpar, de modo rústico e com os materiais encontrados naquele lugar.

Tribos indígenas, talvez homens de outros países (franceses, espanhóis, ciganos, etc.), madeiras de lei (madeiras de boa qualidade empregadas na construção civil), telhas feitas nas coxas, e as pedras também utilizadas nas grossas paredes, tudo fazendo parte do contexto daquela natureza ainda virgem ao século XVIII.

A ausência do exagero da ostentação e da etiqueta barroca, o que se via era a permanência da essência deste movimento no sertão; os estudos sobre o Barroco brasileiro estão apenas engatinhando, nosso Barroco é considerado um proto-Barroco, isto é, um Barroco incipiente.

Parece que a imitação do Barroco modelo metropolitano entre os civilizados, serviu de base ao de Ibuaçu, o Barroco neste lugar não apresenta tanta pompa quanto em outras partes, pedra, madeiras e homens para a construção foram garantidos na própria ambientação natural.

Nesse cenário ainda pouco conhecido nos dias atuais, através da capacidade de hermenêutica de cada um de nós, podemos sentir uma atmosfera de como tenha sido realizado a empreitada de ocupação do território cearense, bem como, o domínio e a catequização dos povos indígenas.

Não há quase estudos historiográficos sobre a localidade de Ibuaçu ou sobre o distrito de Pessoa Anta em Granja, e é justamente essa dificuldade que faz desse artigo um dos pioneiros trabalhos dedicados ao entendimento de uma das páginas ainda pouco estudada na historiografia cearense, o Barroco no Ceará.

Granja – distante de Fortaleza 336 quilômetros (distância rodoviária) – ao longo de sua história recebeu três denominações, a primeira era Santa Cruz do Coreá que, vogou até 1706, a partir de 1776 até os dias atuais, ela ficou denominada de Granja; entretanto, no recorte temporal entre estas duas denominações (de 1706 até 1776) está o nome de Macavoqueira ou Macaboqueira,

lugar distinto do da sede atual do município e, cuja denominação significa “maus cabras” termo pejorativo que no dizer de Raimundo Girão “emprestavam” os portugueses aos aldeados da missão dos jesuítas (indígenas missionados e, estes por extensão do sentido devolviam-lhes aos próprios portugueses).

Ibuaçu pertence ao distrito de Pessoa Anta, é a terra natal de João de Andrade Pessoa Anta, um dos mártires da Confederação do Equador, e que dá nome ao topônimo, ainda nem tinha nascido quando começou a ser erigida a igreja de Ibuaçu.

Quando o Ceará estava subordinado a Pernambuco (1656-1799), Granja era uma espécie de demarcação geográfica entre o litoral semi-árido com o sertão semi-árido propriamente dito, Sua posição estratégica a colocou como importante entreposto comercial (feitoria) do norte do Ceará, porém, há que se atentar ao fato de que, essa mesma ocasião tirou de Pessoa Anta e de Ibuaçu a predileção de sede do município, embora sejam locais mais antigos do que a sede de Granja, pelo fato de aqueles se localizarem relativamente distantes do rio Coreau, portanto, ficaram um pouco à margem do ciclo do gado (inclusive, da época das charqueadas) que, contraditoriamente, fez surgir Pessoa Anta e Ibuaçu, no entanto, não retirou destes locais o interesse jesuíta e os melindres do Barroco, até hoje um patrimônio importantíssimo, a Igreja de Santo Antônio de Ibuaçu (do tempo das missões – aldeamentos –, do gado, da inquisição (Ibuaçu estava bem longe dela, embora, fosse aldeamento jesuíta), em outras partes da colônia e dos bandeirantes que talvez tenham por lá passado).

Em Ibuaçu, contrariando a lógica setecentista das capelas de engenhos produtores de açúcar “de adobe ou terra como seo reboco de cal”¹³ (segundo o arcebispo da Bahia em 1774, em comunicado feito a Lisboa) têm suas grossas paredes diferenças enormes se comparadas com a arquitetura das áreas do massapé da zona da mata ocupada pelo canavial e seu peculiar barroco açucarocrata (no dizer de Gileno di Carli, em sua obra Açucarocracia).

Ibuaçu, recanto da floresta virgem brasileira na área de transição do sertão de fora para os de dentro, em seu esplendor natural em verdejante harmonia com a biodiversidade exuberante em cores, sons e vidas.

Na sua intimidade, já era habitada pelos Negos da Terra (termo colonial pejorativo para os indígenas), em seus modos de vidas ímpares.

Passa a ser invadido, em pleno século XVIII, por europeus, não em viagens pitorescas, mas, trazendo em seu bojo todo um arcabouço de interesses, bem como, de ideologias, e em meio a tais fatores, o estilo Barroco.

¹³ Ippis literis.

Talvez aquele lugar tenha sido parte do conjunto de mercenários paulistas nas Guerras do Nordeste (1658-1720) que partiram de Açú-RN no rumo do rio Parnaíba-PI, antes mesmo da construção da Igreja de Santo Antônio de Ibuçu, fato que estaria nos conformes com o resto do contexto da colonização brasileira, formada pela tríade: bandeirantes, jesuítas e aldeamentos.

Contudo, ficamos sem a certeza pela falta de acesso aos documentos escritos sobre tal possibilidade bandeirante, caso ela tenha ocorrido.

Potiguaras, tabajaras, acoançus ou coançus, tremembés, anacés e arariús disseram amém e conheceram aos poucos os homens da igreja de Maria de Nazaré, a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana (expressão utilizada no Brasil Colonial).

Podemos dizer que a Igreja de Santo Antônio de Ibuçu faz parte da arquitetura vernacular do sertão cearense em sua proximidade com o litoral semi-árido, ainda que, o Barroco tenha vindo da metrópole de além-mar (Portugal), ela se enquadra na paisagem de Ibuçu por ter sido a semente de tal localidade e por estar em sintonia com a nossa história desde os tempos coloniais até hoje.

Por tudo isso e muito mais que, a temática do Barroco em seu ambiente sertanejo ao modo da rusticidade e dos provimentos locais em tudo se encaixa com a História Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO. Esterzilda Berenstein de. **Arquitetura do Açúcar**. Livraria Nobel S. A. São Paulo, 1990.

COUTINHO. Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Vol. II: Parte II/Estilos de Época. Era Barroca/Era Neoclássica. 7ª Edição. Global Editora. São Paulo, 2004.

FARIAS. Aírton de. **História do Ceará**: dos índios à geração Cambeba. Tropical Editora. Fortaleza, 1997.

_____. **História da Sociedade Cearense**. Edições Livro Técnico. Fortaleza, 2004.

DEL PRIORI. Mary. **Mulheres no Brasil Colonial**. Coleção Repensando a História. Editora Contexto. São Paulo, 2000.

GIRÃO. Raimundo. **Os municípios cearenses e seus distritos**. SUDEC/DRN. Fortaleza, 1983.

GOUVEIA (Filho). Guilherme. **Distrito de Pessoa Anta**: Pequeno Dicionário Histórico, Geográfico e Sócio-econômico do Distrito de Pessoa Anta do Município de Granja. Edição Particular do Autor. Lux Print. Fortaleza, 2007.

HOORNAERT. Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia**. Coleção Tudo é História. 3ª edição. Vol. 45. Editora Brasiliense. São Paulo, 1994.

KHOURY. Yara Maria Aun Et Alli. **A Pesquisa em História**. 4ª Edição, 4ª Reimpressão. Editora Ática. São Paulo, 2003.

LOPEZ. Luiz Roberto. **História do Brasil Colonial**. 3ª edição. Série Revisão. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1984.

MONTEIRO. John Manuel. **Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo: (1550-1720)**. Cia. das Letras. São Paulo, 2000.

SAMPAIO (Filho). Dorian. **História dos Municípios do Ceará**. Edição Especial Ceará 400 Anos. RBS Editora. Fortaleza, 2003.

SOUZA (Org.). Simone de. **Uma Nova História do Ceará**. 4ª edição atualizada. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2007.